

Escritos na quarentena 2: Toda ciência é humana

*Written in quarantine 2:
Ever science is human*

Marcílio D. Brandão¹

1. Doutor em Sociologia (UFPE, 2017), Doutor em Ciências Sociais (EHESS, 2017), pós-doutorado junto à Universidade Estadual do Ceará (UECE), com bolsa Capes (2018-2019) e Funcap (2018-2020). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UECE. <https://orcid.org/0000-0003-2978-4278> marcilio.brandao@uece.br

Resumo: A partir de um famoso axioma cristão, o artigo discute o financiamento público da pesquisa científica no Brasil, notadamente com base nos dados de evolução orçamentária da Capes no período de 2011 a 2020. Demonstrando que, na segunda metade do período observado, este orçamento se reduziu de modo acelerado para todas as áreas científicas, o autor postula que o atual governo federal seja não apenas antihumanidades, mas anticientífico de modo geral e relaciona esta postura à propensão antidemocrática do bolsonarismo.

Palavras-chave: Ciência; Financiamento da pesquisa científica; Brasil; Bolsonarismo.

Abstract: Based on a famous Christian axiom, the article discusses the brazilian public funding for scientific research, notably based on Capes' budgetary evolution data in the period from 2011 to 2020. Demonstrating that, in the second half of the observed period, this budget had an accelerated reduction for all scientific areas, the author postulates that the current federal government is not only anti-humanities, but unscientific in general and

relates this posture to the anti-democratic propensity of Bolsonaroism.

Keywords: Science; Financing of scientific research; Brazil; Bolsonaroism.

Introdução

O título deste texto confirma um prolongamento da “quarentena” em que publiquei um artigo homônimo (BRANDÃO, 2020). Assim, escrevendo em maio de 2020, infelizmente constato a continuidade das restrições de circulação como parte das medidas de enfrentamento da infecção humana pelo novo coronavírus, causador da doença denominada Covid-19. Desde a publicação do Decreto Estadual nº. 33.519, de 19/03/2020, o governo do Ceará – onde vivo – tem renovado essas restrições. Com isto, todos temos aprendido a viver com menos encontros e interações físicas. De diversas maneiras tentamos nos manter ativos nessa nova conjuntura, mas há uma grande dúvida sobre o que virá depois deste prolongado isolamento.

Como professores, temos nos questionado bastante se o modelo de ensino presencial continuará a ser o “normal” no mundo universitário. Como investigadores da vida em sociedade, temos nos questionado sobre como será possível continuar nosso trabalho de campo. Assim, as inquietações se multiplicam devido ao isolamento atual e às incertezas do que virá depois. Buscando compartilhar a reflexão sobre tais inquietações, o Sindicato dos Docentes da Universidade Estadual do Ceará (SINDUECE) tem realizado diversas videoconferências transmitidas pela internet em tempo real (*lives*). Com um subtítulo comum que se refere aos “tempos de pandemia”, fui convidado à segunda destas *lives*, realizada em 11 de maio de 2020, sob o título: “A importância da pesquisa em ciências humanas e sociais em tempos de pandemia”¹. Este texto é um desenvolvimento das anotações que preparei para a ocasião, com acréscimos decorrentes de observações dos colegas Camila Holanda (UECE) e Luís Fábio Paiva (UFC), com quem compartilhei a posição de debatedor. O subtítulo, por sua vez, inspira-se na observação de um engenheiro que acompanhou o debate em tempo real e deixou a seguinte questão:

1. Disponível em: <<https://youtu.be/chWUSS3mjxQ>>. Acesso: 28 mai. 2020.

Qual ciência não é humana? Física, Química, Biologia... não são produções humanas? Até que ponto esta nomenclatura usada na CAPES/CNPQ fortalece a visão positivista de ciência? (Misael Torres Martins, intervenção por escrito aos 57'48" do debate)

Convergindo com o entendimento que está nas entrelinhas do questionamento de Misael, desenvolvo este texto com a clara compreensão de que toda ciência é produção humana. Ameaçar e restringir a prática científica atenta, portanto, contra a própria humanidade.

De pão também vivem cientistas

Como ponto de partida para as minhas anotações, eu tomei um importante aprendizado da minha infância em meio católico e voltei ao Evangelho de Mateus, onde o apóstolo descreve uma situação em que Jesus – depois de passar uma quarentena de fome – é tentado pelo diabo e responde que “Nem só de pão viverá o homem” (Mateus, 4:4). Esta passagem bíblica é muito rica porque mostra a incompletude dos humanos, evidenciando que a gente precisa do alimento material, mas também do imaterial. Neste pequeno trecho, como em qualquer texto, é possível encontrar contexto e contra-texto. O contexto, neste caso, está na Bíblia, ao longo da mencionada narrativa de Mateus, que constitui o primeiro livro do Novo Testamento e apresenta uma síntese descritiva da vida de Jesus. Já o contra-texto em que me apoio aponta que Jesus deixa nas entrelinhas a ideia que “De pão também vive o homem”, ou seja, o trecho me parece apontar que o Messias e seus apóstolos estão bem cientes de que os seres humanos precisam tanto do apoio material quanto do simbólico para se manter.

Dois mil anos depois, temos outro Messias em ação. Este não parece reconhecer a igualdade humana, apesar das diferenças, tampouco parece entender a complementaridade dos suportes utilizados pelos seres humanos para se sustentar e desenvolver. Estou falando de Messias Bolsonaro, o que não faz milagre e, por isso, questiona o que ele próprio tem a ver com a morte².

2. Conforme declaração do Presidente da República em 28/04/2020 em resposta a jornalista que

À frente do governo federal, este Messias tem sido o capitão do pior time na gestão da política de desenvolvimento científico nacional – conforme a análise dos dados de financiamento da pesquisa científica no País permite constatar.

O neurocientista Sidarta Ribeiro fez uma excelente narrativa da tragédia que estamos vivendo nesta área. O texto, publicado na Revista Piauí, de abril de 2020, é muito apropriadamente denominado “Tempos da peste – Ciência em Krakatoa” (RIBEIRO, 2020). Ali, Sidarta relembra que o problema começou bem antes desse capitão, ainda no segundo governo Dilma, mas – de lá pra cá – o problema se alastra e já pode mesmo ser chamado de peste. Vou reproduzir uma pequena passagem que me parece uma boa síntese do que estamos enfrentando neste exato momento:

Infelizmente, nada é tão ruim que não possa piorar. No governo Jair Bolsonaro, a ciência – como tantas outras esferas da sociedade – sofreu ataques cáusticos em todos os níveis. Os recursos para as áreas de ciência, tecnologia e inovação regrediram aos níveis de vinte anos atrás, com perda total dos ganhos obtidos na primeira década. Em 2020, 87,7% do FNDCT estão contingenciados. Do total de 4,9 bilhões de reais, apenas 600 milhões de reais estarão efetivamente disponíveis. A parte do orçamento do CNPQ destinada ao fomento científico encolheu 84,4% em 2020. [...] (RIBEIRO, 2020, ONLINE)

A lista de dificuldades é muito maior e o governo federal tem exonerado cientistas internacionalmente reconhecidos, como o presidente do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Ricardo Galvão), que divulgou dados desfavoráveis ao governo no que tange à devastação de florestas no Brasil contemporâneo³, bem como tem vetado a participação de cientistas em deter-

havia questionado sobre o fato do Brasil ter ultrapassado naquele dia o número de óbitos na China em decorrência de covid-19: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/04/29/e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus>>. Acesso: 31 mai. 2020.

3. Cf.: <<https://exame.abril.com.br/brasil/presidente-do-inpe-e-exonerado-apos-polemica-sobre->

minados conselhos federais, a exemplo de Ilona Szabó, que foi recentemente “desconvidada” a participar do Conselho Nacional de Política Criminal⁴.

Deste modo, nós seguimos descendo em uma sorte de poço de retrocessos que parece não ter fim, mas como o tema aqui é a pesquisa, eu relembro que o foco da minha comunicação parte do contra-texto de Mateus, ou seja, quero reafirmar que “de pão também vivem os homens, as mulheres e tudo que é cientista nesse país”. Então, vamos aos dados.

Primeiramente, vale ressaltar que eu estou me apoiando em informações de pesquisas pós-graduada, onde uma agência nacional, que é a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), é responsável pela avaliação e regulamentação da oferta de formação em âmbito nacional. A Capes divide a pós-graduação no Brasil em três níveis: áreas, grandes áreas e colégios. As ciências humanas e sociais estão juntas com a linguística, as letras e as artes no que é chamado de Colégio de Humanidades⁵. Junto a este, existem outros dois “Colégios”: o das Ciências da Vida e o de Exatas e Tecnológicas.

Além da Capes, ligada ao Ministério da Educação, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) é o outro órgão nacional com maior responsabilidade na garantia do “pão material” da pesquisa nacional. Este órgão, ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) não favorece a transparência na aplicação de seus recursos, mas, considerando dados que forneceu em 2018 ao Jornal Folha de São Paulo⁶, podemos somar os investimentos em todas as áreas do Colégio de Humanidades e identificar que a parcela de investimentos neste campo da ciência é igual a 20% das bolsas deste órgão.

-dados-de-desmatamento/>. Acesso: 28 mai. 2020.

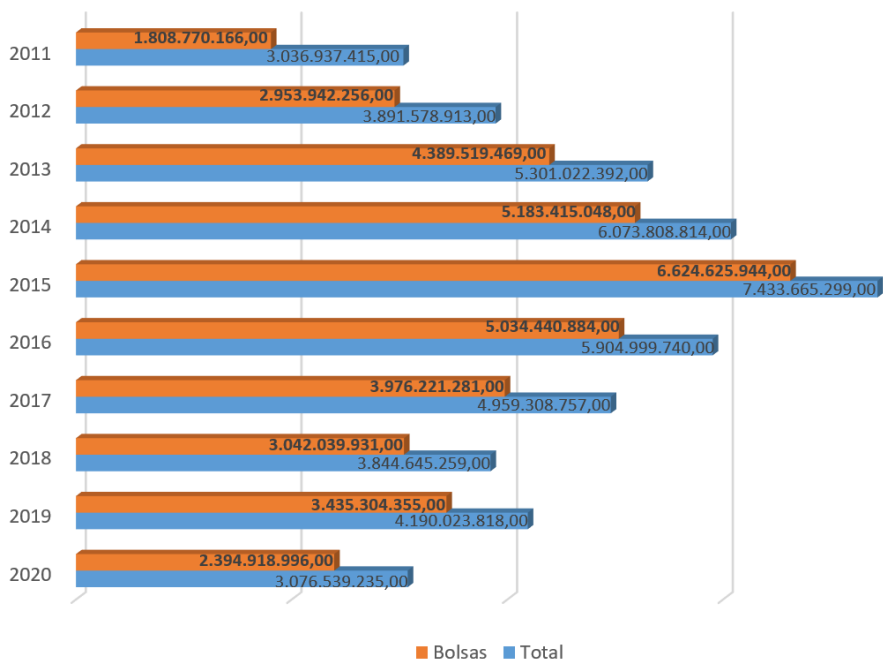
4. Cf.: <<https://oglobo.globo.com/brasil/moro-cede-pressao-exclui-ilona-szabo-do-conselho-nacional-de-politica-criminal-23489764>>. Acesso: 28 mai. 2020.

5. Cf.: <<https://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>>. Acesso: 28 mai. 2020.

6. Conforme matéria da Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). Disponível: <<https://www.aguia.usp.br/noticias/quem-financia-a-pesquisa-brasileira-um-estudo-incites-sobre-o-brasil-e-a-usp/>>. Acesso: 31 mai. 2020.

A Capes tem mantido uma postura de maior transparência sobre orçamento e despesas. Os dados de ambos os órgãos são chocantes. Repito: “A parte do orçamento do CNPq destinada ao fomento científico encolheu 84,4% em 2020” (RIBEIRO, 2020, ONLINE). Estarrecido com a informação, fui verificar e não consegui descobrir muito a partir da análise dos dados publicamente disponíveis no portal do CNPq; mas em relação à Capes, o portal expõe um número maior de informações orçamentárias⁷, que me permitiram preparar um singelo gráfico visando ajudar a visualizar o retrocesso:

Gráfico 1: Orçamento Capes 2011-2020



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da Capes⁸

7. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/orcamento-evolucao-em-reais>> [Publicado: Quinta, 04 Setembro 2008 16:35, Última Atualização: Terça, 11 Fevereiro 2020 14:15]. Acesso: 10 mai. 2020.

8. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/orcamento-evolucao-em-reais>> [Publicado: Quinta,

Neste gráfico estão representados o total das despesas autorizadas para o órgão (em azul) e a parte destas despesas que corresponde a bolsas (em vermelho) nos últimos dez anos. Não localizei o detalhamento da previsão e/ou execução orçamentária por áreas ou colégios de avaliação da pós-graduação nacional, mas os dados deste gráfico já permitem atestar que, em números absolutos, o orçamento da Capes regrediu em 2020 a uma condição semelhante à de dez anos atrás e – considerada a inflação ao longo desse período – parece-me muito realista também para este órgão a estimativa de Sidarta Ribeiro de que estejamos retrocedendo vinte anos.

Particularidade das humanidades

Como é bem evidenciado na argumentação de Ribeiro (2020), as reduções do investimento federal são grandes em todas as áreas de conhecimento. Neste sentido, não é possível dizer que se trata de uma particularidade das humanidades a retração do apoio material à pesquisa científica.

Porém, os dados específicos das humanidades, revelam um problema ainda maior, pois a diretriz que está posta no momento é a de extinguir o apoio financeiro federal à pesquisa nestas áreas, por exemplo, por meio da Portaria MCTIC nº 1.122, de 19 de março de 2020 (que entrou em vigor em 25 de março de 2020) para “definir as prioridades, no âmbito do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), no que se refere a projetos de pesquisa, de desenvolvimento de tecnologias e inovações, para o período 2020 a 2023” (MCTIC, 2020). Ao definir estas prioridades, o referido Ministério excluiu áreas inteiras do conhecimento, dentre as quais estão todas as Ciências Humanas e Sociais. Sob pressão da comunidade científica e política, o Ministério ajustou suas diretrizes (por meio de nova Portaria, nº 1.329, de 27 de março de 2020) incluindo “humanidades e ciências sociais que contribuam para o desenvolvimento das áreas definidas” (MCTIC, 2020B).

Na prática, isto significa que, apenas quando as humanidades puderem assessorar as pesquisas ditas estratégicas pelo Governo Federal, é que o Ministério da Ciência poderá alocar algum recurso para a prática das ciências

04 Setembro 2008 16:35, Última Atualização: Terça, 11 Fevereiro 2020 14:15]. Acesso: 10 mai. 2020.

ditas humanas. Assim, o Messias de hoje – escudado notadamente por seus ministros da economia, da educação e da ciência e tecnologia – vai processando no âmbito da pesquisa científica a diretriz de apoio apenas ao que é considerado imediatamente útil, como já declararam várias vezes o capitão e auxiliares do time que hoje governa o País. Um dos graves aspectos que esta disposição utilitarista esconde é a intenção de minar as forças do segmento científico mais frequente e explicitamente resistente às diretrizes do atual governo, mas neste momento de pandemia o mais grave do negacionismo das humanidades é que ele obstaculiza a difusão de soluções encontradas por outras ciências, por exemplo com o aprofundamento de investigações sobre como convencer as pessoas a implementar as medidas de prevenção e tratamento definidas pelas ciências da vida.

Um dos efeitos da pandemia decorrente do novo coronavírus é a difusão da constatação de que “A medicina não é suficiente” para acabar com grandes problemas, como afirmam Laura Chapurro (2020) e o atual diretor executivo da Academia Britânica, Hetan Shah (2020). Ambos recuperaram o importante trabalho da equipe da antropóloga Melissa Leach na resposta à recente crise decorrente do ebola; relatando o caso de Serra Leoa, os autores destacaram que foi a investigação antropológica que permitiu identificar os padrões socioculturais que representavam maiores dificuldades à disseminação das medidas de contenção daquela epidemia. Com isto, Shah (2020, p. 295) conclui que “sem as humanidades e as ciências sociais, as ciências duras e tecnológicas podem fazer pouco para resolver mudanças sociais complexas”⁹. Este tipo de raciocínio ainda coloca as ciências humanas e sociais como assessora de outras, mas para que pelo menos isto seja incorporado no time de gestores nacionais brasileiros ainda foi necessária muita pressão.

9. Do original: “[...] without the humanities and social sciences, hard science and technology can do little to resolve complex societal challenges”.

Conclusão: prática anticientífica e autoritarismo no governo federal brasileiro

Em que pese as agravantes dificuldades enfrentadas pelas humanidades no Brasil contemporâneo, o que os dados de financiamento à pesquisa científica apontam é que – ao contrário do que alguns gestores do atual governo afirmam –, a gestão da política científica no âmbito federal não tem sido apenas antihumanidades, mas anticientífica de um modo geral. Os cortes orçamentários têm afetado todas as áreas da pesquisa científica no País, pois na leitura estreita e utilitária do cristianismo professado pelo chefe do atual governo brasileiro, entende-se a máxima de Mateus sem nada semelhante ao contra-texto em que me apoiei no início deste artigo.

Deste modo, o Messias de hoje quer difundir apenas o pão imaterial das religiões que o apoiam muito mais que as ciências. E, assim, no atual momento brasileiro, qualquer iniciativa que ressalte as ciências me parece que precisa destacar que toda ciência é humana. Por mais que eventualmente umas ciências e uns cientistas sejam mais atacados que outros, penso que defender a pesquisa nas ciências habitualmente ditas humanas e sociais é algo que precisa se alinhar com a defesa da ciência como um todo!

Em outras palavras, defender as humanidades envolve a necessidade de denunciar o obscurantismo, o negacionismo científico, os retrocessos civilizacionais e a restrição das possibilidades de atuação científica isenta no País! Parafraseando o que disse a Revista Lancet, na capa e no editorial de recente número (9 de maio de 2020)¹⁰, Bolsonaro talvez seja a maior ameaça atual – não apenas para o tratamento de covid-19, mas para o desenvolvimento de vida inteligente neste país. Isso converge com o que eu mesmo disse recentemente (BRANDÃO, 2020) e provavelmente não tem nada a ver com loucura, mas sim com um projeto autoritário e centralizador contra o qual a vida inteligente pode questionar e se insurgir.

10. “Perhaps the biggest threat to Brazil’s COVID-19 response is its presidente, Jair Bolsonaro” (LANCET, 2020, p. 1461). Trad.: “Talvez a maior ameaça à resposta do Brasil para a Covid-19 seja seu presidente, Jair Bolsonaro”.

Referências

BRANDÃO, Marcílio D. Escritos na quarentena: autoritarismo não é loucura. **Revista O Público e o Privado**, v. 18, n. 35. 2020. p. 203-213

CHAPURRO, Laura. La medicina no basta: por qué necesitamos ciencias sociales para frenar esta pandemia. **SiNC**. 2/4/2020. Online. Disponível em: <<https://www.agenciasinc.es/Reportajes/La-medicina-no-basta-por-que-necesitamos-ciencias-sociales-para-frenar-esta-pandemia>>. Acesso: 31 mai. 2020.

LANCET, The. Editorial – COVID-19 in Brazil: “So what?”. **The Lancet**. Vol 395. May 9, 2020. p. 1461

MCTIC – Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Portaria MCTIC nº 1.122, de 19.03.2020. Brasília: MCTIC, 2020. Disponível em: <https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/legislacao/portarias/Portaria_MCTIC_n_1122_de_19032020.html>. Acesso: 9 mai. 2020.

_____. Portaria nº 1.329, de 27 de março de 2020. Brasília: MCTIC-Gabinete do Ministro, 2020b. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-1.329-de-27-de-marco-de-2020-250263672>>. Acesso: 9 mai. 2020.

RIBEIRO, Sidarta. Tempos da peste – Ciência em Krakatoa. **Piauí**, ed. 163, abril 2020. Online. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/ciencia-em-krakatoa/>>. Acesso: 9 mai. 2020.

SHAH, Hetan. Global problems need social science. **Nature**. Vol 577. January 16, 2020. p. 295-296.

Recebido: 02/06/2020

Aceito: 28/07/2020